

FAVORITISMO DOS ANJOS

Rosualdo Rodrigues

Do grupo do Correio

A noite de sexta-feira teve ares de momento decisivo do 29º Festival de Cinema de Brasília. Depois de três dias de filmes mornos, a platéia se levantou para aplaudir *Como Nascem os Anjos*, de Murilo Salles Jr., um filme com ritmo de *thriller*, mas com forte apelo social.

Como Nascem os Anjos tem qualidades para agradar tanto ao público médio quanto aos jurados do festival. A começar pelo desempenho dos dois pequenos atores Priscila Assum e Sílvio Guindane, que interpretam Branquinha e Japa, um casal de garotos da favela levados, por uma sucessão de incidentes, a serem confundidos com seqüestradores. A história — ora emotiva, ora seca — é muito bem desenvolvida por meio de um roteiro enxuto, que mantém a mesma pulsação durante sua uma hora e 37 minutos de duração.

A primazia de *Como Nascem os Anjos* só é ameaçada por *Um Céu de Estrelas*, o primeiro longa da diretora Tata Amaral, que buscou inspiração num romance de Fernando Bonassi para mostrar o lado mais perigoso da paixão. Quase que totalmente passado entre quatro paredes, *Um Céu de Estrelas* ganha muito com o fato de ter um elenco de (bons) atores desconhecidos do grande público.

O filme narra o encontro entre uma cabeleireira de subúrbio e o

ex-noivo, que a procura para reatar o romance no momento em que ela prepara as malas para viajar a Miami, graças ao prêmio que ganhou em um concurso. A tragédia se anuncia desde o princípio.

Só que, ao contrário de *Como Nascem os Anjos*, que parece ter ganhado a unanimidade da platéia, o filme de Tata Amaral foi alvo de algumas vaias ao final de sua projeção na noite de sábado. Certamente, essas vaias vieram dos mesmos que conseguiram rir durante um filme violento, tenso e sem concessões.

O Cego que Gritava Luz, que abriu a mostra competitiva, não deve sair de mão abanando desta 29ª edição do Festival de Cinema de Brasília. Menos por suas qualidades do que por se tratar de um filme produzido em Brasília, com elenco e equipe daqui. O filme de João Batista de Andrade dá voltas em torno de nada para contar uma história que caberia muito bem num curta. A ótima interpretação de Tonico Pereira acaba se perdendo no discurso repetitivo de seu personagem, Dimas, um bêbado que conta histórias em troca de cachaça.

Muito mais méritos tem *Corisco e Dadá*, um filme correto, que dá ares de tragédia grega à história do cangaceiro Corisco e Dadá, raptada por ele ainda menina e que seria seduzida aos poucos, até se tornar capaz de segui-lo sertão adentro, tendo a polícia seus calcanhares. O deve (ou, pelo menos, não merece) ser ignorado pelo júri.